

Leitura-Escrita e Letramento: Que Espaço Ocupam na Educação Infantil

Rita de Cássia Prazeres Frangella¹
frangella@uol.com.br

Resumo

Este texto tem por objetivo desenvolver uma reflexão sobre a questão da leitura e escrita no âmbito da educação infantil. Tem como horizonte de discussão o contexto de mudanças significativas na educação infantil, seja no que diz respeito a disposições legais como também a formulações teóricas que trazem outras configurações à prática pedagógica na educação infantil. Assim, nesse momento, a discussão em torno da questão da leitura e escrita precisa ser revista, principalmente diante de alguns indícios de uma prática pedagógica que busca precipitadamente modelos da escola fundamental. A questão da leitura e escrita na educação infantil fica atrelada ao alfabetizar ou não, assim cabe perguntar: há espaço para leitura e

escrita na prática pedagógica com crianças pequenas. O conceito de letramento, nessa reflexão, é trazido para problematizar a questão, indicando caminhos possíveis para uma prática rumo à formação de um espaço de leitura e escrita na educação infantil.

Palavras-chave

educação infantil, leitura-escrita, letramento, prática pedagógica.

Abstract

This text has for objective to develop a reflection on the question of the reading and writing in the scope of the infantile education. The context of significant changes in the infantile education has as quarrel horizon, either in that it says respect the legal disposals as also to the theoretical formularizations that bring other

configurations practical the pedagogical one in the infantile education. Thus, at this moment, the quarrel around the question of the reading and necessary writing to be reviewed, mainly ahead of some indications of one practical pedagogical one that searches models of the basic school precipitadamente. The question of the reading and writing in the infantile education is articulated when alphabetize or not, thus it fits to ask: it has space for reading and practical writing in the pedagogical one with small children. The literacy concept, in this reflection, is brought to problematical the question, indicating possible ways for one practical route the formation of a reading space and writing in the infantile education.

Key Words

infantile education, reading-writing, literacy, practical pedagogical.

¹ Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Doutoranda pelo mesmo Programa; Professora do curso de Pedagogia da Universidade Estácio de Sá; professora do curso de Pós-graduação Lato-sensu Educação Infantil: perspectivas de trabalho em creches e pré-escolas na PUC-Rio.

Os anos de 1980 e 1990 foram marcados pela efervescência na discussão sobre a educação infantil que se travavam em paralelo a estudos que redimensionavam as possibilidades das crianças em seus primeiros anos de vida e, em consequência, a educação que a elas se destinavam.

As mudanças são intensas mas não se reduzem a esfera das formulações teóricas acerca das crianças, mas referem-se a uma profunda discussão no âmbito social sobre a criança – seus direitos.

A luta pelo direito das crianças se sustenta num novo olhar para a infância, percebida agora enquanto sujeito de direitos, o que se afasta da visão de vir a ser, que marcou profundamente os programas de atendimento à infância brasileira nas décadas de 70 e 80.

Hoje a força de um modelo interacionista se faz presente indicando o delineamento de uma outra concepção de escola, infância e aprendizagem. De um espaço de guarda e cuidado, a escola de educação infantil é vista como espaço de interações com múltiplas linguagens entre múltiplos sujeitos – criança-adulto, criança-criança. Sujeitos que aprendem à medida que partilham experiências, refletem sobre elas apropriando-se delas e construindo conhecimento num dado contexto sócio-histórico-político-cultural. É nesse contexto e nas relações que estabelecem com seu entorno que as crianças vão se constituindo enquanto sujeitos autônomos e reflexivos. Diante de tais assertivas, a escola de educação infantil vai assumindo outra função social diante do entendimento de

crita e as delicadas relações com a educação infantil. Que espaço ocupam na prática pedagógica com crianças pequenas? Como são vistas?

Toda a discussão em torno de uma nova concepção sobre a infância, do papel da educação infantil parecem pouco se conectar às práticas desenvolvidas com as crianças na educação infantil. É com extrema preocupação que escuto, nos relatos de minhas alunas², a observação ainda hoje de práticas que remetem a um modelo de escolarização encontrado no ensino fundamental, a preocupação excessiva de aligeirar a aprendizagem da leitura e escrita, objetivando o início da alfabetização. Angústia que partilho com autores que têm se dedicado a discutir a educação infantil:

A noção de experiência educativa que percorre as creches e pré-escolas tem variado bastante. Quando se trata de crianças das classes populares, muitas vezes a prática tem se voltado para as atividades que têm por objetivo educar para a submissão, o disciplinamento, o silêncio, a obediência. De outro lado, mas de forma igualmente perversa, também ocorrem experiências voltadas para o que chamo de escolarização precoce, igualmente disciplinadoras, no seu pior sentido. Refiro-

Sujeitos que aprendem à medida que partilham experiências, refletem sobre elas apropriando-se delas e construindo conhecimento num dado contexto sócio-histórico-político-cultural.

Falar em educação infantil após uma série de iniciativas no campo legal – Constituição de 1988, Estatuto da Criança e do Adolescente-1990, lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – 1996 – exige refletir sobre os desafios e perspectivas postas como horizonte na ação junto a crianças de 0 a 6 anos.

uma outra representação da criança e do seu processo de desenvolvimento. É de competência do professor propiciar esse espaço de interação, oferecendo diferentes experiências às crianças.

Inserido nesse contexto de mudanças e recontextualizações, novamente tomamos a polêmica que gira em torno da leitura e es-

² No desenvolvimento da disciplina que ministrou, Processos de Aprendizagem da Leitura e escrita, recorre enquanto estratégia de formação a realização de observações de práticas de leitura e escrita em classes de alfabetização e educação infantil que são tomadas para análise e elaboração de textos reflexivos, fazendo dos estágios que realizam (a disciplina se localiza no 4º. período do curso, concomitante ao início da realização dos estágios curriculares) campo de pesquisa e reflexão.

me a experiências que trazem para a pré-escola, especialmente, o modelo da escola fundamental, as atividades com lápis e papel, os jogos ou atividades realizadas na mesa, a alfabetização ou a numeralização precoce, o cerceamento do corpo, a rigidez dos horários e da distribuição de atividades, as rotinas repetitivas, pobres e empobrecedoras. (Bujes, 2001:17).

Na verdade, essa é uma questão que retoma a polêmica do momento certo para começar a ensinar a ler e escrever e remete à discussão da própria função da educação infantil.

zagem da língua escrita pela criança, orienta-nos no sentido de compreender que a produção da escrita começa antes da escolarização, fruto de uma intensa atividade da criança sobre a escrita, elaborando idéias próprias a respeito dessas, num processo de construção que a leva a elaborar e testar as hipóteses que cria. A grande questão presente aponta que a leitura e escrita não são conhecimentos pré-elaborados a serem apropriados passivamente pela criança, mas um objeto sociocultural que é recriado, que exige a compreensão da sua natureza e de suas funções sociais.

Aí está o ponto a ser repensado: se a criança aprende antes

escrita, permitindo que a criança compreenda o porquê e para que escrever, informações essenciais ao desenvolvimento do processo de construção da escrita. Ferreiro (1995) sinaliza:

A pré-escola deveria permitir a todas as crianças a liberdade de experimentar os sinais escritos, num ambiente rico em escritas diversas, ou seja: escutar alguém lendo em voz alta e ver adultos escrevendo, tentar escrever (sem estar necessariamente copiando um modelo); tentar ler utilizando dados contextuais assim como reconhecendo semelhanças e diferenças nas séries de letras; brincar com a linguagem para descobrir semelhanças e diferenças sonoras.(...) Em vez de nos perguntarmos se "devemos ou não ensinar" temos de nos preocupar em dar condições às crianças ocasiões de aprender. A língua escrita é muito mais que um conjunto de formas gráficas, é um modo de a língua existir, é um objeto social, é parte de nosso patrimônio cultural. (p.102-3).

As questões relativas à aprendizagem da leitura escrita são polêmicas e levantam dúvidas, certezas e incertezas. Mobilizam os debates, tendo em vista as necessidades-problemas que enfrentamos no campo da educação brasileira, principalmente

A grande questão presente aponta que a leitura e escrita não são conhecimentos pré-elaborados a serem apropriados passivamente pela criança ...

Discutir essas práticas implica questionar e trazer à tona os tantos exercícios que pretensamente garantiriam um bom desenvolvimento da aprendizagem da leitura e escrita: pontos, traços, linhas, cópias, treinos das habilidades percepto-motoras ainda tão presentes no cotidiano das instituições de educação infantil, como narram minhas alunas em seus relatos de observação da prática. Cabe então retomar o próprio processo de aprendizagem da leitura e escrita. Ferreiro (1995, 1985), em seus estudos sobre o processo de aprendi-

da escolarização, como se inicia esse processo? Através da participação em contextos reais em que o ato de ler e escrever tem funções reais, interagindo com a leitura e escrita presentes no mundo em que vivem.

Nesse sentido, a retomada desse processo nos possibilita repensar o papel da educação infantil no que tange à leitura-escrita. Na educação infantil a criança em contato com as pessoas, as coisas, as produções culturais, as explora, investiga, elabora, atribui significado a essas experiências. Dentre essas produções, encontra-se a linguagem

no momento de redefinições que questionam os sentidos de algumas práticas, como hoje vivenciamos na educação infantil. Para acirrar mais ainda a discussão temos, no últimos anos, o desenvolvimento de um novo conceito que traz novas discussões às relações envolvidas nesse processo: trata-se do letramento.

O processo histórico que faz emergir o conceito de letramento aponta para a insuficiência do termo alfabetização na abordagem da leitura e escrita devido a sua complexidade e multiplicidade. O letramento apontaria para o desenvolvimento dos usos sociais da leitura e escrita, indo para além do domínio do código. Dessa forma, o letramento amplia a discussão acerca da leitura-escrita, indo para além da aquisição dos códigos escritos, mas referem-se às práticas sociais de leitura-escrita.

Diante de tais questões, cabe a pergunta: então como pensar as contribuições-limites e possibilidades que a concepção de letramento traz para pensarmos a prática pedagógica?

Assumo a posição de concordância com a argumentação de Magda Soares (1999) que discute que alfabetização e letramento são conceitos diferentes, mas inseparáveis, que precisam se dar simultaneamente, no seu dizer, cabe alfabetizar letrando.

A discussão poderia encontrar um caminho problematizador criativo se tomássemos como ponto de discussão a questão da escolarização. É exatamente em torno dessa

questão que circulam alfabetização e letramento e a partir das relações estabelecidas entre esses conceitos que ganham significado.

Alfabetização está intimamente relacionada à escolarização, à instrução formal e às práticas escolares, ocupando-se do processo de aquisição da língua escrita. As práticas inscritas na alfabetização são fundamentalmente práticas escolares. Assim, o foco da alfabetização centra-se no indivíduo.

social, contudo, pensando nessas relações, e percebendo que o letramento ultrapassa os muros da escola, ao contrário, trata de permitir que o letramento entre na escola.

Nesse sentido as relações entre escolarização e letramento apontam para um paradoxo: apesar de existirem diferenças significativas entre letramento escolar e letramento social, dados mostram que quanto mais longo o processo de escolarização, quanto mais os in-

Diante de tais questões, cabe a pergunta: então como pensar as contribuições-limites e possibilidades que a concepção de letramento traz para pensarmos a prática pedagógica?

Letramento focaliza aspectos sócio-históricos, investigando as presenças-ausências da escrita, ainda que na análise dos indivíduos, mas sempre remetendo ao social numa abordagem que foca as práticas sociais de leitura e escrita, o que incide sobre um processo de transformações das formas de apropriação do mundo (o que Vygostky falaria de funções superiores), elaboração dos instrumentos de mediação.

Assim o corte que o conceito de letramento traz marca o delineamento de práticas que ultrapassam a questão individual e escolar, mas trata-se de fenômeno social.

Caberia discutir o letramento sob dois enfoques: o escolar e o social, apontando seus alcances e implicações. Assim, o letramento escolar seria a apropriação do letramento social, pedagogizando as práticas

divíduos participam de eventos e práticas escolares de letramento, mais bem sucedidos são estes indivíduos nos eventos e práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita.

Nesse sentido, é preciso pensar a escola como agência de letramento, desempenhando papel fundamental para leitura e escrita como práticas sociais efetivas, para o desenvolvimento social de grupos letrados.

Dessa forma, ao pensar a escola como agência de letramento e o que a perspectiva do letramento instaura na prática com a linguagem, trata-se de pensar a educação infantil como espaço de letramento, de permitir que a criança entre no mundo da escrita, apropriando-se da linguagem escrita, lendo e escrevendo, produzindo escrita, libertando-se das amarras da

didatização da linguagem, que disciplinam a escrita-leitura e nesse controle a esvaziam de sentido. Trata-se de permitir criações e recriações, refletir sobre e na linguagem, trazendo para o centro das atenções o caráter lúdico e social da linguagem, considerar as crianças como leitores e escritores em processo de construção. Assim, na busca de compreender a relação delicada entre leitura-escrita e educação infantil delineia-se um caminho – árduo, porém possível – de pensar a educação infantil como espaço de construção de leitores-escritores, inciantes, mas que se constituem na partilha da – na linguagem, num espaço onde provar os sabores e saberes da linguagem, construir se construindo...

Pra mim, livro é vida; desde que eu era muito pequena. Os livros me deram casa e comida.

Foi assim: eu brincava de construtora, livro era tijolo; Em pé, fazia parede; deitado, fazia degrau de escada; Inclinado, encostava num outro e fazia telhado.

E quando a casinha ficou pronta eu me espremia lá dentro para brincar de morar dentro do livro.

De casa em casa eu fui descobrindo o mundo (de tanto olhar para as paredes). Primeiro, olhando desenhos, depois decifrando palavras. Fui crescendo e derrubei telhados com a cabeça.

Mas fui pegando intimidade

com as palavras. E quanto mais íntimas a gente ficava, menos eu ia me lembrando de consertar o telhado ou de construir novas casas.

Só por causa de uma razão:

o livro agora alimentava a minha imaginação.

Alimento, imaginação, descobertas, intimidade... pistas para pensarmos letramento na educação infantil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOJUNGA, Lygia. *Livro: um encontro com Lygia Bojunga*. São Paulo: Agir, 1996.

BUJES, Maria Isabel; *Escola Infantil para que te quero?* IN: CRAIDY, Carmem e KAERCHER, Gládis(orgs.) *Educação Infantil para que te quero?* Porto Alegre: Artemed, 2001.

FERREIRO, Emília. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

_____. *Reflexões sobre alfabetização*. São Paulo: Cortez, 1995, 24ª ed.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Autêntica: Belo Horizonte, 1999.